

Do “segredo” ao “nós existimos!”: alguns apontamentos sobre expectativas de gênero em torno das transmasculinidades na mídia brasileira

Camilo Braz
Universidade Federal de Goiás¹

Resumo: Este artigo analisa uma reportagem exibida pela Rede Globo a respeito da morte de um homem trans na cidade de Campo Grande, a cotejando com parte da produção teórica das ciências sociais sobre as chamadas transexualidades, com outras produções midiáticas produzidas por pessoas trans e também entrevistas realizadas junto a homens trans na região metropolitana de Goiânia. Assim, aborda antropologicamente o processo contemporâneo de profusão discursiva sobre o tema das transmasculinidades na mídia brasileira, a fim de apontar para possíveis ambivalências em torno da (re)produção de repertórios simbólicos a partir dele.

Palavras-chave: Corpo; Gênero; Mídia; Transexualidades; Transmasculinidades.

¹ Professor Associado de Antropologia na Universidade Federal de Goiás (UFG). Docente dos Programas de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) e em Sociologia (PPGS), além de co-coordenador do CORPORA – Núcleo de Antropologia do Corpo, da Percepção e da Saúde e pesquisador do Ser-Tão – Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Gênero e Sexualidade na mesma instituição.

From “secret” to “we exist!”: some notes on gender expectations around transmasculinities in the Brazilian media

Abstract: This article analyzes a report shown by Rede Globo about the death of a trans man in the city of Campo Grande, comparing it with part of the theoretical production of social sciences on the so-called transsexualities, with other media productions produced by trans people and also interviews conducted with trans men in the metropolitan region of Goiânia. Thus, it anthropologically addresses the contemporary process of discursive profusion on the theme of transmasculinities in the Brazilian media, in order to point to possible ambivalences around the (re)production of symbolic repertoires from it.

Keywords: body; gender; media; transexualities; transmasculinities.

Del “segreto” al “¡nosotros existimos!”: algunas notas sobre las expectativas de género en torno a las transmasculinidades en los medios de comunicación brasileños

Resumen: Este artículo analiza un reportaje presentado por la Rede Globo sobre la muerte de un hombre trans en la ciudad de Campo Grande, comparándola con parte de la producción teórica de las ciencias sociales sobre las llamadas transexualidades, con otras producciones mediáticas producidas por personas trans y también entrevistas realizadas con varones trans en la región metropolitana de Goiânia. Así, aborda antropológicamente el proceso contemporáneo de profusión discursiva sobre el tema de las transmasculinidades en los medios de comunicación brasileños, con el fin de señalar posibles ambivalencias en torno a la (re)producción de repertorios simbólicos a partir de él.

Palabras clave: cuerpo; género; medios de comunicación; transexualidades; transmasculinidades.

Por quanto tempo você seria capaz de guardar o seu segredo mais íntimo? Lourival escondeu o seu passado de todos, até da própria família com quem viveu por quase 40 anos. Quando a verdade veio à tona, foi um choque. Agora, o corpo de Lourival não pode ser enterrado”. Assim iniciava-se uma reportagem exibida no Fantástico, da Rede Globo de televisão, exibida no dia 03 de fevereiro de 2019. Noticiava a morte de Lourival Bezerra de Sá, na cidade brasileira de Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul. A chamada da matéria, intitulada “Justiça investiga origens de homem que não pode ser enterrado”, dizia: “Lourival Bezerra de Sá tinha 78 anos quando passou mal e teve um infarto fulminante em casa. Os socorristas levaram seu corpo para o serviço de verificação de óbito. E, então, a surpresa: o homem era na verdade uma mulher”².

A reportagem começa trazendo relatos de pessoas que o conheciam. Constrói, aos poucos, uma narrativa de vida de um homem comum, “uma boa pessoa”, caridoso, prestativo aos/às amigos/as. Em seguida, é trazida a informação de que Lourival faleceu em 5 de outubro de 2018. As palavras de um agente de polícia e de um médico legista são invocadas para dizer que o corpo, encaminhado para o serviço de identificação de óbito, era de uma pessoa que “*se constatou* que era do sexo feminino”. Surge então, na tela, um bordão típico das telenovelas exibidas pela emissora: “O Segredo de Lourival”, enquanto a narração nos conta que havia quase quatro meses que o “mistério” impedia o seu enterro.

Alguns aspectos de sua trajetória de vida e de sua intimidade passam então a ser desnudados pela matéria. Segundo ela, há 50 anos, Lourival teria conhecido, na cidade de Goiânia, capital do estado de Goiás, a uma mulher com quem teria adotado e registrado 4 crianças. O casal teria se mudado para o interior do estado de São Paulo. Após a separação, Lourival teria ido viver sozinho em Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso, onde teria conhecido aquela que, segundo a matéria, passou a ser sua “cuidadora”. De lá, ele teria retornado a Campo Grande, onde teria atuado como pintor, corretor de imóveis e mesmo aberto uma empresa. Além disso, teria atuado também como médium em um centro espírita. Segundo a matéria, Lourival teria vivido com sua “cuidadora” (que a reportagem informa que “preferiu não gravar entrevista”) por quase 40 anos em Campo Grande, tendo assumido a paternidade da filha dela e, juntos, teriam adotado mais um filho. Essa longa relação é definida por uma das entrevistadas como de “companheirismo”, não sendo “*de fato* uma relação entre marido e mulher”.

Nesse momento, na tela, surge a pergunta: “Mas como Lourival, que *na verdade era mulher*, pôde se passar por homem durante tanto tempo?”. A matéria começa, então, a narrar as “desconfianças da cuidadora”, que teriam se confirmado quando ele teria permitido, já ao final da vida, que ela o banhasse, uma vez que uma “faixa amarrada nos seios” dele teria sido encontrada. O saber biomédico uma vez mais é invocado, quando o legista entrevistado menciona que foram achadas lesões no corpo, que comprovariam que “*ela* teria usado faixas ou outras roupas apertadas com o objetivo de disfarçar a presença das mamas”.

Segundo a reportagem, Lourival “não gostava de médicos” e não aceitava que mexessem em seu corpo. Além disso, os amigos teriam dito estranhar o fato de ele nunca usar bermudas ou camisetas e só tomar banho a portas fechadas. Após “a revelação”, os/as vizinhos/as teriam ficado atônitos/as, embora depoimentos

² Conteúdo disponível em <https://globoplay.globo.com/v/7351781/> [Acesso em 04/03/19]. Os grifos são meus.

selecionados pela reportagem falem em “dúvidas” e em “desconfianças” por parte deles/as. Lourival chega a ser chamado em dado momento de “homem-mulher” por uma das entrevistadas.

Como se tratasse de um capítulo final de telenovela, a reportagem diz que, poucos dias antes de morrer, Lourival teria revelado para sua cuidadora qual sua “verdadeira identidade” e seu local de nascimento, que não ficava no estado de Alagoas (como ele dizia), mas sim no interior do estado de Pernambuco. Parentes de Lourival estariam sendo procurados pela polícia a fim de “solucionar o caso”. Ele, segundo a matéria, dizia haver perdido todos os documentos que traziam informações sobre sua filiação. A reportagem afirma ter chegado a fazer buscas em cartórios das duas possíveis localidades de nascimento dele, a partir do nome de registro que ele teria “confessado” à cuidadora, que na matéria chega a ser mencionado duas vezes.

Então, surge na tela a pergunta: “Quem foi, de fato, Lourival Bezerra de Sá?”. A expectativa, segundo a reportagem, estaria na possibilidade de identificação por meio de suas digitais. Outras perguntas são trazidas: “Como Lourival fez para registrar crianças?”, “Quem são os pais verdadeiros dos seis filhos adotivos dele?”. Entrevistada, uma de suas filhas afirma ser difícil lidar com a descoberta de que seu pai “*era uma mulher*”. Ela diz que estava aguardando um resultado de exame de DNA para saber se Lourival poderia ser, ao invés de seu pai, “sua mãe biológica”. Uma vez mais, o médico legista aparece na tela para dizer que, a partir da análise do útero, “*essa pessoa não teve filhos*”. Segundo a reportagem, sem poder ser realizada a “identificação oficial”, o corpo de Lourival continuava no Instituto de Medicina Legal de Mato Grosso do Sul, não havendo prazo para sua liberação, havendo o risco de que “*ela fosse enterrada como indigente*”.

Neste artigo, trago esta reportagem com a intenção de abordar antropologicamente esse processo contemporâneo de profusão discursiva sobre o tema das transmasculinidades na mídia brasileira, a fim de apontar para possíveis ambivalências em torno da (re)produção de repertórios simbólicos a partir dele.

Alguns apontamentos sobre transmasculinidades e mídia

A reportagem trazida acima é exemplar do quanto a mídia, contemporaneamente, faz parte do dispositivo da sexualidade, tal como formulado por Michel Foucault (1977). Se *a vontade de saber* a sexualidade era composta, no século XIX e em meados do século XX, sobretudo por discursos científicos que tinham a pretensão de constituir um aparato pretensamente verdadeiro em torno do sexo, na contemporaneidade tal dispositivo amplia-se e inclui certamente outros âmbitos, tais como, por exemplo, dinâmicas de mercado. Como afirma Maria Filomena Gregori (2016: 41),

Hoje não podemos estudar apenas aqueles universos institucionais de produção dos saberes próprios à consolidação da “sociedade burguesa” dos séculos XVIII e XIX, como foi inicialmente realizado por Foucault: clínicas, prisões, processos judiciais. Torna-se estratégico investigar as práticas que envolvem os erotismos, em meio a um universo que parece absolutamente central no mundo contemporâneo: o mercado.

Nessa chave, antropológica, o mercado inclui não apenas a dimensão de produção, circulação e uso de bens, mas a potencialidade de fazer circular repertórios simbólicos que incidem na construção de subjetividades (GREGORI, 2016). Na mesma direção, é possível apontar também os efeitos discursivos da publicidade, que “ao evocar as diferenças de sexo, de gênero, de “raça” e de práticas sexuais,

reforça concepções percebidas como tradicionais, mas também sugere deslocamentos significativos” (BELELI, 2005: 1) como parte do dispositivo da sexualidade na contemporaneidade. Assim como, inegavelmente, os meios de comunicação, que como afirmou Tiago Duque, produzem artefatos culturais que muitas vezes, como no caso da reportagem aqui analisada, tratam da “reiteração de uma verdade sobre o “sexo” na era digital” (DUQUE, 2019: 1).

Os trechos grafados em itálico na transcrição da reportagem evidenciam o quanto, neles, prevalece a busca pela verdade e pela vontade de saber, evocando por vezes a narrativa do célebre historiador francês a respeito da trágica história de Herculine Barbin (FOUCAULT, 1982). Uma busca enviesada, marcada por expectativas de gênero a respeito dos corpos que violentam sua intimidade, os deceparam, os desnudam, reduzindo-os a uma dimensão puramente biológica, impedindo sua dignidade e evocando não apenas uma biopolítica, mas uma necropolítica, que subjugava a vida ao poder da morte, inscrevendo os corpos na ordem de poder (MBEMBE, 2016). Afinal, como nos diz Tiago Duque (2019: 5):

o corpo de Lourival tinha uma história. A problemática é que essa história não corresponde às expectativas, isto é, às normas generificadas que constituem a inteligibilidade do que se entende hegemonicamente como “sexo”.

Segundo Simone Ávila, podemos compreender as transmasculinidades como “masculinidades produzidas por transhomens” (ÁVILA, 2014: 38). A autora, que etnografou pioneiramente a emergência de transmasculinidades como um processo de produção de identidades políticas e sociais no Brasil contemporâneo, reconhece que “os termos que definem os sujeitos trans não são consenso” (ÁVILA, 2014: 23) e explica que utiliza o termo “transhomem” como referência a “sujeitos que foram identificados no nascimento como pertencentes ao “sexo” feminino (...) e que se identificam com o gênero masculino” (*idem*: 34). Ela justifica o uso dessa categoria por três motivos: por se tratar de uma tradução do francês *trans-homme*, tal como utilizado por Marie-Hélène Bourcier; por se tratar de um substantivo e não de um adjetivo, o que denominaria, mas não qualificaria os sujeitos; pela tentativa de escapar de binarismos, tais como homem/mulher, masculino/feminino (*ibid.*: 34). Embora reconheça a importância dos argumentos trazidos por Ávila sobre os debates em torno das categorias classificatórias a respeito de experiências de pessoas trans, tendo a concordar com Guilherme Almeida, que sugere, ao analisar as transmasculinidades, que para evitar o uso de múltiplas expressões ou categorias êmicas possíveis, é possível utilizar a expressão homem trans analiticamente, “no esforço de condensar a experiência da 'transexualidade masculina” (ALMEIDA, 2012: 513). Além disso, o recurso provisório à categoria homens trans, nesse artigo, deve-se ao fato de que essa é a expressão que vem sendo majoritariamente utilizada por ativistas como referência a tais sujeitos políticos, no Brasil, em anos mais recentes³.

No contexto brasileiro, ainda vigora, em linhas gerais, uma concepção patologizante (ALMEIDA e MURTA, 2013) das vivências trans⁴. Ela dá a direção das práticas que as colocam em discurso, e que são reproduzidas em variados âmbitos sociais e culturais. De acordo com Márcia Arán (2009: 668), isso tem a ver com

³ A entrada de homens trans no âmbito do ativismo no Brasil se dá a partir dos anos 2000 (ÁVILA, 2014), havendo recentemente um aumento de sua visibilidade política (CARVALHO, 2018). Em 2015, foi celebrado em São Paulo o I Encontro Nacional de Homens Trans, na USP, promovido pelo IBRAT. Nele, decidiu-se pela utilização de homens trans como categoria política (BRAZ e SOUZA 2018; CARVALHO, 2018).

⁴ Segundo Lucas Lima de Podestà, o uso do termo *trans* para referência ao guarda-chuva *transgênero/a* num sentido englobante tem sido cada vez mais corrente no campo das ciências sociais no Brasil, operando como um conceito que não se refere a uma identidade fixa, mas à vivência da chamada transgeneridade, carregando “a referência às múltiplas experiências possíveis, como a travestilidade, a transexualidade e não-binaridade” (PODESTÀ, 2018: 85).

o fato de que “o dispositivo da diferença sexual construído na modernidade através da naturalização de sistemas normativos de sexo-gênero exclui a transexualidade das possibilidades subjetivas consideradas normais e legítimas”.

Segundo Guilherme Almeida e Daniela Murta (2013: 385), “a compreensão de transexualidade que vem sendo tecida de algum tempo para cá por teóricos das ciências sociais procura encontrar seus significados contemporâneos, percebendo-a como fenômeno histórico e cultural”. Uma série de estudos vêm sendo produzidos na área das ciências sociais (e demais ciências humanas) nos últimos anos, a respeito da trajetória dos discursos biomédicos, jurídicos e dos saberes psi em torno das experiências trans e dos regimes de verdade acionados pela noção de “transexual verdadeiro” (BENTO, 2006; LIONÇO, 2006; BARBOSA, 2010, 2015; CARVALHO, 2011, 2015; LEITE JR., 2011; TEIXEIRA, 2009, 2012; JESÚS, 2012; LIMA, 2014; ÁVILA, 2014; BORBA, 2016; TENÓRIO e PRADO, 2016). Essa lista nem de longe pretende ser completa. Tem a intenção de ilustrar como muitos trabalhos foram produzidos, nos últimos anos, visando analisar criticamente, à luz dos estudos feministas e de gênero e sexualidade, a constituição dos discursos científicos em torno das experiências trans, bem como o modo como são ressignificados no cotidiano. Isso implica olhares focados não em sua mera reprodução, mas em possíveis processos de agenciamento de tais repertórios simbólicos por parte das próprias pessoas trans. Assim, entre a constituição desses repertórios a partir de regimes de verdade e a sua corporificação cotidiana, grande parte desses estudos têm apontado para processos que falam muito sobre ambivalências.

Sigo aqui as pistas deixadas por Sherry Ortner (2011: 439) a respeito do fazer antropológico e da etnografia a partir de um paradigma centrado na prática. Assim,

A tentativa de ver outros sistemas com os pés no mesmo chão dos nativos é a base, talvez a única base, da contribuição propriamente antropológica para as ciências sociais. É essa nossa capacidade, sobretudo desenvolvida no trabalho de campo, de adotar a perspectiva do povo em terra firme que nos permite aprender qualquer coisa — mesmo na nossa própria cultura — para além do que nós já sabemos (...). É essa nossa localização “no chão” que nos permite ver as pessoas não simplesmente como reprodutores e reagentes passivos a um “sistema”, mas como agentes ativos e sujeitos da sua própria história.

Isso abre para a possibilidade de estudar fluxos, processos conectados às dimensões antropológicas da subjetividade, que segundo Ortner (2007: 376) podem ser referidas ao “conjunto de modos de percepção, afeto, pensamento, desejo, medo e assim por diante, que animam os sujeitos atuantes”, sem, contudo, desconsiderar as “formações culturais e sociais que modelam, organizam e provocam aqueles modos de afeto, pensamento, etc.”. Assim, interessam os significados mobilizados para dar materialidade às experiências, incluindo a dimensão da agência, por meio de uma perspectiva da etnografia do particular, nos moldes propostos por Lila Abu-Lughod. Nessa chave,

Os efeitos [de] processos passam a ser investigados nas maneiras como se manifestam localmente e especificamente, produzidos nas ações de indivíduos vivendo seus cotidianos, inscritos em seus corpos e em suas palavras. (ABU-LUGHOD, 1991: 474)

Boa parte dos trabalhos que se debruçam sobre os efeitos dos discursos biomédicos sobre as transexualidades inspiram-se nessa proposta, assim como nas reflexões de Michel Foucault em torno do dispositivo da sexualidade e das conexões entre saber e poder; entre poder e resistência. Berenice Bento (2006), por exemplo, conceituou sociologicamente o que nomeia como *dispositivo da tran-*

sexualidade, que estaria calcado na patologização dessas experiências, envolvendo teses variadas acerca de quais seriam suas “causas” e seus “tratamentos adequados”. Desse modo, o gênero passa a se constituir como uma espécie de “categoria diagnóstica” (BENTO e PELÚCIO, 2012) quando se trata de refletir sobre corpos, subjetividades e identidades trans, embora isso não signifique que tais convenções culturais, ao serem agenciadas, não sejam potencialmente contestadas.

Assim, é possível apontar, no Brasil, para um cenário de produção de análises sobre como a constituição de categorias e convenções culturais em torno das experiências trans é influenciada não apenas por diversos marcadores sociais de diferença interseccionados no plano do vivido, mas também por variados campos (BRAZ e SOUZA, 2018). E, no que tange, especificamente às transmasculinidades, é necessário considerarmos que, contemporaneamente, o processo de auto-identificação dos homens trans, por exemplo,

tem ocorrido por contatos pela internet em comunidades virtuais de pares (...), ambientes hospitalares ligados ao processo transexualizador, universidades e espaços políticos do movimento LGBT, além de redes pessoais e do contato com matérias jornalísticas e programas de TV. (ALMEIDA, 2012: 519)

Simone Ávila, ao refletir sobre “o “espaço biográfico” composto por autobiografias trans, documentários, entrevistas, mídias digitais e televisivas e redes sociais virtuais” (ÁVILA, 2014: 184), mostra como ele implica em distintos modos de visibilidade, “no qual não só circulam diferentes discursos sobre ser trans como também os ressignificam”.

Em trabalho de campo e entrevistas realizadas com homens trans na região metropolitana de Goiânia, foi possível perceber elementos que dialogam como esses processos, apontados por Simone Ávila e Guilherme Almeida⁵:

Jonas⁶: *Desde criança eu me achava diferente, porque eu não gostava de nada que minhas amigas faziam, só que eu não conhecia esse termo (...) transexualidade, e eu me parecia mais com um homossexual feminino, com uma lésbica, e aí dentro desse meio lésbico homossexual, eu não fui me encontrando mais com o passar do tempo (...) eu vi que eu estava no lugar errado e eu fui pesquisar, e eu já tinha meus 18 anos de idade já, e aí eu fui pesquisar e encontrei o termo transexualidade.*

Pesquisador: *Você pesquisou onde?*

Jonas: *Na internet mesmo, eu fui procurando fóruns e na verdade, eu vi na primeira vez na televisão (...) eu vi falando sobre isso, aí depois que eu fui pesquisar na internet, porque eu vi que me contemplava (...).*

Pesquisador: *Interessante.*

Jonas: *Sim, por mais que em muitas reportagens a mídia faça um desfavor na televisão, mesmo assim impulsiona a pesquisar na internet pelo menos.*

Pesquisador: *E se a gente pensar nas dificuldades que você encontrou com esse processo? Quais você me diria que foram as principais dificuldades que você encontrou?*

Jonas: *Primeiro que não tinha muito material, hoje tem bastante, mas na época não tinha tanto material na internet sobre transexualidade. Tinha, mas direcionado ao público feminino, às mulheres trans, ao público masculino não tinha tanto (...) a segunda dificuldade foi encontrar o material e depois me aceitar, aceitar que eu era aquilo e depois aceitar a reação do mundo com aquilo, a da minha família, que até hoje não aceita. [Jonas, 20 anos]*

⁵ *Antropologia, Transformações Corporais e Masculinidades: transmasculinidades no Brasil contemporâneo.* Vinculada ao Ser-Tão, Núcleo de Ensino, Extensão e Pesquisa em Gênero e Sexualidade, aos Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) e Sociologia (PPGS) da Universidade Federal de Goiás (UFG), a investigação foi realizada entre 2014 e 2019 e, a partir de 2016, contou com o apoio do CNPq, através da obtenção de uma Bolsa de Produtividade em Pesquisa, Nível 2.

⁶ Os nomes de entrevistados aqui trazidos são todos fictícios.

Alguns entrevistados, sobretudo aqueles que tinham mais de 30 anos, afirmaram que passaram boa parte de suas vidas sem ter acesso a repertórios simbólicos para nomear certo “desconforto” que disseram sempre ter sentido em termos da adequação à cisnormatividade, que é composta por aparatos discursivos e tecnologias de gênero que naturalizam e reafirmam a expectativa de cisgeneridade dos corpos (relacionando-se, assim, às pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído, mesmo antes de nascerem). Afinal, como afirma Amara Moira (2017: 365),

A verdade é que, numa sociedade profundamente cissexista, numa sociedade tão cissexista que sequer conseguisse enxergar o próprio cissexismo (de tão naturalizada que estava essa lei, de tão apagada que estava a sua origem, a sua razão), não haveria a menor possibilidade de pensarmos a existência material, concreta de pessoas trans.

Ainda assim, mesmo esses entrevistados, ao falar sobre os itinerários em busca de informações sobre o tema da transexualidade em anos mais recentes, trouxeram narrativas próximas daquelas dos interlocutores mais jovens, como é o caso de Jonas, acima. Desse modo, foram mencionados por todos eles distintos veículos de comunicação e programas televisivos, além de diversos homens trans que passaram a ter certa visibilidade midiática no Brasil. Além disso, todos mencionaram a internet como fonte de informação sobre o tema. E foi destacado por eles o fato de as mídias sociais terem permitido o acesso e o conhecimento de outros sujeitos que passavam por experiências, em certo sentido, mais próximas às deles (ÁVILA, 2014; BRAZ, 2018).

Mídia, transmasculinidades, ambivalências

Interpretar antropologicamente a profusão discursiva em torno das transmasculinidades no Brasil em anos recentes é tarefa complexa, que implica levar em consideração variados campos e o modo como os discursos por eles (re)produzidos são agenciados pelos homens trans no cotidiano. Incluindo, no caso desse trabalho, os veículos de comunicação.

Embora a presença de travestis e transexuais na mídia brasileira não seja algo recente, remetendo a meados dos anos 1980 (COLLING e SANT’ANNA, 2014), nos últimos anos houve um aumento significativo da exposição de temas e discussões relacionadas a questões trans em diversos meios de comunicação. O assunto esteve presente durante o período da pesquisa mencionada de forma crescente e tanto em veículos de grande circulação, mantidos por grandes conglomerados de mídia (como é o caso da Rede Globo), quanto nas chamadas mídias alternativas e também nas mídias sociais, como no Youtube e no Facebook.

Como exemplo paradigmático desse processo de incremento da visibilidade midiática, poderiam ser citados aqui variados programas televisivos. É o caso do mencionado Fantástico, exibido nas noites de domingo pela Rede Globo, que alcança altos índices de audiência. Durante quatro semanas, no ano de 2017, este programa apresentou uma série, intitulada “Quem sou eu?”, que apresentou histórias de vida de pessoas trans e discutiu variados processos envolvidos na chamada “transição de gênero”, com foco nos discursos científicos acerca dela. Essa temática já vinha sendo abordada por outros produtos da emissora:

O programa Profissão Repórter, na edição acerca do tema do ano de 2014 também traz esse apanhado de relatos de certa ideia de “autodescoberta” da pessoa trans, mostrando o perigo dos tratamentos clandestinos em contrapartida com a demora da fila de espera dos processos que podem ser acessados pelo Sistema Único de Saúde (SUS), bem como relacionamentos familiares e afetivos. Já na edição de 2018, o programa

retoma algumas histórias contadas em 2014, como uma espécie de acompanhamento da vida da pessoa trans desde a primeira entrevista, e também mostra os processos de hormonização e cirurgias que podem ser realizadas. (SILVA e BRAZ, 2020: 2)

Nas entrevistas realizadas junto a homens trans, tais programas foram por eles nomeados, assim como outros homens trans que passaram, em anos recentes, a ter certa visibilidade na chamada grande mídia.

Alguns entrevistados reconheceram o potencial impacto em termos de visibilidade trazido por essa exploração midiática acerca das transmasculinidades.

Pesquisador: *Como é que você vê essa...essa exposição da temática na mídia? Você tem acompanhado?*

Gabriel: *Eu tenho acompanhado sim. Eu vejo...as reportagens, vejo...busco pela internet...por um lado é bom, né? Porque...as pessoas tão tendo...uma visão mais ampla sobre a transexualidade. Eu penso que...que é válido. Porque tem gente que nunca ouviu falar, né? Minha mãe mesmo nunca tinha ouvido falar isso. Pra ela foi uma coisa...nova. E com...com essa...abertura na mídia...as pessoas tão tendo...né? Mais...possibilidade de aprender a respeito. Então, eu penso que é válido. É uma coisa boa. Porque...quanto mais se expõe...menos vira tabu, né? [Gabriel, 35 anos]*

Recentemente, em uma telenovela veiculada no chamado “horário nobre” da programação da Rede Globo, intitulada *A Força do Querer*, escrita por Glória Perez, o tema da identidade de gênero foi abordado.

A novela das 21h *A Força do Querer*, veiculada no horário nobre da emissora Rede Globo em 2017, trouxe duas personagens envolvidas com a questão trans. Elis Miranda, que se autodeclarava travesti e Ivana que não reconhecia seu corpo feminino e no decorrer da novela passou a se entender como um homem trans, identificando-se como Ivan. A história de Ivan repercutiu tanto que ele se tornou um dos personagens principais da trama. (AGUIAR e QUADRADO, 2018: 2)

A história de Ivan foi inspirada, segundo reportagens a respeito da telenovela, em alguns aspectos da trajetória de vida do escritor brasileiro João Nery, reconhecido como “o primeiro trans homem do Brasil que se submeteu a algumas intervenções cirúrgicas no seu corpo” (NERY, COELHO e SAMPAIO, 2016: 170). Falecido em 2018, sendo reconhecido como importante ativista e pesquisador trans, Nery publicou duas biografias ao longo da vida: uma em 1984, intitulada “Erro de Pessoa”; e outra em 2011, sob o título de “Viagem solitária: memórias de um transexual trinta anos depois”. Há que salientar que, seguindo Simone Ávila (2014), na década de 1990 houve um aumento na publicação de autobiografias de homens trans, sobretudo em países anglófonos. Um processo que prolifera na década seguinte, em variados outros contextos. Assim, nos últimos anos, outras autobiografias de pessoas trans têm sido publicadas no Brasil, o que aponta para um cenário crescente de interesse editorial e de produção discursiva sobre o tema também nesse âmbito (ÁVILA, 2014; IGLESIAS, 2018).

Apesar disso, a visibilidade crescente do tema na mídia nem sempre foi afirmada pelos entrevistados como algo a ser celebrado, uma vez que frequentemente o assunto é exposto, segundo eles, de forma a reproduzir certos estereótipos, especialmente em alguns programas de televisão que o abordam de maneiras sensacionalistas e pouco preocupadas com estratégias de visibilidade positiva e/ou mais próxima das suas próprias experiências.

Quando entrevistei Antonio, ele tinha 18 anos e era estudante do primeiro ano de graduação em uma universidade pública. Vivia com a mãe e a irmã em Goiânia. Ele, assim como outros entrevistados, me disse que o processo de busca

de informações a respeito da transexualidade se deu em páginas diversas da internet, em comunidades virtuais de mídias sociais e também em reportagens que começavam cada vez mais a surgir sobre a temática. Poucos dias antes de entrevistá-lo, havia sido exibida uma reportagem no Fantástico, da Rede Globo, a respeito do tema.

Pesquisador: *Ontem mesmo no Fantástico teve uma reportagem.*

Antônio: *Sim, teve, mas pelos comentários dos ativistas que eu sigo pelo Brasil... não foi legal. Não foi uma coisa didática, realmente não foi didático. Se fosse didático eles entrevistariam os ativistas, porque, assim, tem muitos para representar a gente [...] sem contar também que eles sempre fazem cortes e tal durante a edição e já levam uma pessoa... não que seja ruim dar voz pra ela, mas...poxa! Eles podiam chamar umas pessoas que são preparadas para falar disso, que já vivem pra isso. [Antônio, 18 anos]*

Nesse sentido, é possível seguir os entrevistados e fazer uma leitura a respeito desse interesse crescente de grandes corporações midiáticas na exploração do tema da transexualidade no Brasil a partir de suas ambivalências. Jack Halberstam (2005) analisa, a partir do contexto estado-unidense, as apropriações do que nomeia como “ambiguidade de gênero”, que permitem o surgimento do corpo trans como uma espécie de “símbolo da cultura pós-moderna”. Para o autor, o corpo trans emerge na contemporaneidade como o próprio futuro, um tipo de realização heroica de promessas de flexibilidade de gênero. Para ele, ao mesmo tempo em que promover tal flexibilidade de gênero e corporal ao nível de identidade e das escolhas pessoais possa soar como algo que alude a processos de mudança social, é preciso considerar que, num sentido ampliado, ela tornou-se na contemporaneidade também uma mercadoria, presente nas estratégias publicitárias de grandes corporações, que vendem seus produtos apropriando-se da “flexibilidade de gênero” visando, no limite, o lucro.

Esse processo reflexivo e crítico em relação ao modo como o tema é muitas noticiado remete novamente à reportagem que abriu esse artigo. No dia seguinte à exposição da matéria, o Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (IBRAT) lançou uma nota de repúdio, que reproduzo abaixo⁷:

São Paulo, 04 de Fevereiro de 2019,

O IBRAT, Instituto Brasileiro de Transmasculinidades, construído coletivamente e pensado para ser uma ferramenta estratégica de defesa dos direitos e promoção da qualidade de vida dos homens trans e transmasculinos não-binários, agrega um conjunto de atividades e metodologias de trabalho, com o intuito de provocar efetivas mudanças na construção de políticas públicas focando no empoderamento político e pessoal dos homens trans e transmasculinos não-binários brasileiros.

O IBRAT defende a multiplicidade e diferentes formas de relação com o próprio corpo e com a própria identidade. Diferenças regionais, culturais, geracionais, de gênero, orientação sexual, ideológicas (e etc.) são fatores respeitados e agregados dentro do IBRAT, contanto que não haja discriminação dentro e nem fora do próprio segmento. Defendemos as identidades de gênero autodeclaradas, não baseando-se apenas em intervenções físicas e/ou hormonais, mas entendendo que cada pessoa vive sua própria identidade de maneira livre no meio social que habita.

Um exemplo dessa liberdade de ser é o Sr. Lourival, homem trans/transmasculino de 78 anos, casado e com filhos. Mas o Sr. Lourival, se viu apagado em sua identidade transmasculina quando sua morte foi noticiada no programa Fantástico, da emissora Rede Globo, no domingo à noite (03/02/19), ao ser apontado como sendo uma “mulher que se passava por homem”.

Repudiamos a atitude deste programa e da emissora, quando insistem em se referir ao Sr. Lourival como alguém enganador e que necessitava de investigação para descobrir sua real identidade. A identidade dele já estava confirmada pela família que ele construiu com sua companheira e pelos filhos que teve. Torna-se ainda mais inaceitável

⁷ Disponível em https://web.facebook.com/institutoibrat/?tn-str=k*F [Acesso em 17/03/19].

esse tipo de reportagem tendenciosa, e transfóbica, quando sabemos do histórico de matérias já realizadas pela mesma, quando se colocou a “ajudar” a comunidade transexual e travesti a quebrar os tabus criados na sociedade, produzindo materiais como a série “QUEM SOU EU?”, exibida pelo mesmo Fantástico que noticiou a vida do Sr. Lourival, a novela “A FORÇA DO QUERER”, que tinha como personagem principal um homem trans e o projeto do Caderno Globo, “CORPO: ARTIGO INDEFINIDO”, que foi escrito também por homens trans e transmasculinos.

É de extrema tristeza e indignação, saber que tamanha emissora, tendo produzido tantos materiais, passado por tantas palestras e oficinas, tendo contato direto com o movimento de homens trans e transmasculinos, se dê o trabalho de produzir uma matéria de tamanho des-serviço e apagamento dos homens trans e transmasculinos. Com isso alimentam a transfobia, o desrespeito e fazem a manutenção da violência contra os homens trans e transmasculinos, apagando nossas vivências, nossas identidades e nossos direitos, para além do direito à vida digna, também o direito a uma morte respeitável.

Fortalecer uma investigação descabida, à procura da “verdadeira identidade” do Sr. Lourival, é procurar uma maneira ainda mais violenta e dolorosa de deslegitimar a identidade de gênero dele e de todos nós homens trans e transmasculinos, quando a própria família e o convívio social eram a prova maior de que se tratava de um homem, e que, sem documentos formais e burocráticos que atestassem essa identidade masculina, o mínimo que se poderia fazer para que ele descansasse em paz, fosse pressionar o Estado para lhe conceder os devidos documentos para que, diante do sistema, ele fosse reconhecido como o homem que sempre foi, marido, pai e amigo, de vida simples e sossegado, digno de ser entendido como cidadão e lembrado entre nós com todo respeito que sempre teve, independente de papel ou genital.

Não aceitaremos essa transfobia, não ficaremos parados e calados vendo a genitalização de nossas identidades e o apagamento de nossas vidas.

Cidadãos conscientes que somos de nossos deveres e obrigações, dentro de nosso Estado democrático de direito, temos direito às nossas identidades autorreconhecidas com base em princípios constitucionais que regem nossa Constituição de 1988; tais como a dignidade da pessoa humana, princípio da personalidade e da intimidade. Também reconhecidos nos Direitos Humanos e nos Princípios de Yogyakarta, todos reconhecidos pelo STF, que embasam não só formalmente o que todos os cidadãos têm por direito personalíssimo, como também busca dar materialidade a nossa população que em meio a uma regra Cisnormativa, ficou defasada em seu direito”.

Além de apresentar uma reação à reportagem, replicada em diversos sites, blogs e páginas do Facebook, o documento (assinado por diversos outros grupos e coletivos, comissões formadas por advogados/as e ativistas) ganha sentido e materialidade em um cenário contemporâneo mais amplo, de produção palavras-atos que, segundo Adriana Vianna (2014), implicam na construção de zonas de sentido que trazem posições políticas que coletivizam, redimensionam e alteram o que, a princípio, poderia ser visto como uma dor “pessoal”. Ao tratar de atos públicos relacionados a processos de busca por justiça mobilizados por ativistas e familiares de pessoas mortas em contextos de violência institucional e confrontos policiais em favelas do Rio de Janeiro, a autora nos conta que as formas de tais atos

só fazem sentido se tivermos claro que há um pré-registro dessas mortes no terreno da desimportância social e simbólica que se desdobra no modo como serão registradas, classificadas e tratadas na polícia e no judiciário. (VIANNA, 2014: 215)

Além disso, o documento coloca as transmasculinidades em um contexto em que termos e categorias classificatórias são desencadeados "em disputas políticas e em zonas de competição moral que iluminam relações sociais desiguais" (VIANNA e FACUNDO, 2015: 46).

O documento aponta, também, para a mesma ambivalência notada nas falas dos entrevistados em relação à visibilidade recente e crescente das temáticas trans em grandes veículos de comunicação, no Brasil. Nesse sentido, menciona outras produções da Rede Globo, como a referida telenovela *A Força do Querer*,

e outras reportagens do mesmo programa, que teriam um efeito de “ajudar’ a comunidade transexual e travesti a quebrar os tabus criados na sociedade”, em contraposição à reportagem criticada, que afirmava Lourival “como alguém enganador e que necessitava de investigação para descobrir sua real identidade”, que “já estava confirmada pela família que ele construiu com sua companheira e pelos filhos que teve”. A emissora é, assim, acusada de alimentar a transfobia, o desrespeito e a violência “contra os homens trans e os transmasculinos” e contribuir para a manutenção de sua invisibilidade e apagamento. Conclama, ainda, que se pressione o Estado para que a identidade dele fosse devidamente reconhecida e, sua morte, respeitada⁸.

Na mesma direção, é importante considerar que, paralelamente à exploração do tema em iniciativas de grandes corporações midiáticas, é possível observar nos últimos anos o crescimento daquelas realizadas em outros veículos, como é o caso do trabalho do jornalista brasileiro Neto Lucon, que produz há alguns anos diversas reportagens a respeito de travestilidades e transexualidades, cujos conteúdos também foram mencionados pelos entrevistados e levam a intensos debates entre pessoas trans. E é preciso mencionar, especialmente, os esforços de homens e mulheres trans de (re)produzir e dar visibilidade a outras formas de conhecimento a respeito do tema, especialmente a partir das mídias sociais. Um processo que aponta, talvez, para a produção de novos repertórios simbólicos acerca das vidas de pessoas trans.

Considerações finais

Desse modo, finalizo esse artigo com a breve discussão um vídeo que foi produzido por um grupo musical brasileiro chamado “As Bahias e a Cozinha Mineira”, divulgado no dia 29 de janeiro de 2017, como parte das mobilizações relacionadas ao Dia da Visibilidade Trans no Brasil, que é celebrado na mesma data em que travestis e transexuais estiveram pela primeira vez no Congresso, dialogando com parlamentares sobre suas realidades e demandas, em 2004. O texto do vídeo, que é o terceiro de uma série intitulada “Nós Existimos! Visibilidade Trans” é de Alexandre Peixe, mais conhecido como Xande Peixe, um importante ativista trans brasileiro que vive na cidade de São Paulo e que, entre 2008 e 2010, foi presidente da Associação da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo (APOLGBT).

No texto do vídeo, o autor narra sobre sua infância, sobre as memórias acerca de suas brincadeiras entre os meninos e também fala das tentativas de sua família de fazê-lo se adequar às expectativas com relação aos comportamentos de gênero esperados das meninas. A frase “Ei, menina, coloca um vestido, arruma esse cabelo, senta direito” tem, assim, o caráter performativo (BUTLER, 2003) de um veredito. O autor fala também da adolescência e das mudanças em seu corpo que produziam sentimentos que ele não sabia, então, como colocar em discurso. Além disso, conta sobre distintas formas de violência e violação experimentadas em seu corpo, como é o caso do estupro, “coletivo e corretivo”, sofrido aos 19 anos. Nasceu sua filha, começa a “luta para ter o direito a ter seu próprio corpo”. E narra todas as dificuldades enfrentadas junto a serviços de saúde pública para ter acesso às cirurgias desejadas. Uma espera de 12 anos, “morrendo e sangrando todos os dias”, seguida de outra sentença performativa que acompanha o relato e

⁸ Em março de 2019, seis meses após sua morte, a Justiça de Campo Grande determinou que o corpo de Lourival poderá ser sepultado respeitando-se sua identidade de gênero. A decisão foi divulgada em diversos meios de comunicação e comemorada por muitas pessoas trans, incluindo alguns dos homens que entrevistei.

se inscreve em seu corpo cotidianamente: “vai ter que esperar”. O tema da espera figura na narrativa ao lado da persistência e da resistência. “Nada poderia me impedir de alcançar meu objetivo”, nos diz, em uma trajetória que inclui o olhar no espelho, que “nunca mais var rir dele”, depois de passar pela sonhada mamoplastia masculinizadora. O relato finaliza com uma cena na praia, quando, já sem camisa, ele tem seu peito acariciado por sua netinha que, no terceiro momento performativo da narrativa, lhe diz: “vovô, agora você sarou”.

No Brasil, é possível apontar a formação em anos recentes de um cenário amplo de profusão discursiva em torno da temática da transexualidade, que se dá a partir de variados campos, que incluem obviamente a biomedicina e as ciências psi, mas ampliam-se para a mídia, para outros campos de conhecimento, para o ativismo, para as redes sociais. No que diz respeito aos homens trans, são múltiplas formas de *dizer* a transmasculinidade e de produzir, acerca dela, repertórios simbólicos a partir dos quais alguém pode passar a reconhecer-se como homem trans. Em relação mais especificamente à mídia, por exemplo, é inegável que tem crescido o interesse e a visibilização das transmasculinidades, seja em programas de auditório, *talk-shows*, matérias em jornais e revistas, documentários e afins. Isso pode apontar para processos de mudança importantes. Mas em que medida o tratamento midiático dado à temática implica na reiteração ou na superação de estereótipos, na quebra ou na reprodução de preconceitos? É importante, assim, buscar analisar criticamente os efeitos de diferentes discursos sobre as transmasculinidades na produção de repertórios simbólicos que incidem sobre corporalidades, subjetividades e identidades. Levar em consideração seu potencial de dar visibilidade a experiências silenciadas. Mas também considerar, como fazem os entrevistados, seus possíveis efeitos de (re)produção de desigualdades, preconceitos e violências.

Recebido em 2 de março de 2022.

Aprovado em 15 de abril de 2022.

Referências

ABU-LUGHOD, Lila. “Writing against Culture”. In: FOX, R. (ed.). *Recapturing Anthropology*. Santa Fe: School of American Research, 1991. pp. 137-162.

AGUIAR, Thais; QUADRADO, Raquel. Uma análise sobre transmasculinidades presentes numa série da mídia televisiva. *Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, 4: 1-9, 2018.

ALMEIDA, Guilherme. “Homens trans”: novos matizes na aquarela das masculinidades? *Estudos Feministas*, 20 (2): 513-523, 2012.

ALMEIDA, Guilherme; MURTA, Daniela. Reflexões sobre a possibilidade de despatologização da transexualidade e a necessidade da assistência integral à saúde de transexuais no Brasil. *Sexualidad, Salud & Sociedad*, 14 (2): 380-407, 2013.

ÁVILA, Simone. *Transmasculinidades: A emergência de novas identidades políticas e sociais*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2014.

ARÁN, Márcia. A psicanálise e o dispositivo diferença sexual. *Estudos Feministas*, 17 (3): 653-673, 2009.

BARBOSA, Bruno. *Nomes e diferenças: Uma etnografia dos usos das categorias travesti e transexual*. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2010.

BARBOSA, Bruno. *Imaginando trans: Saberes e ativismos em torno das regulações das transformações corporais do sexo*. Tese de Doutorado em Antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2015.

BELELI, Iara. *Marcas da diferença na propaganda brasileira*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil, 2005.

BENTO, Berenice. *A reinvenção corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BENTO, Berenice, PELÚCIO, Larissa. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. *Estudos Feministas*, 20 (2): 569-581, 2012.

BORBA, Rodrigo. *O (des)aprendizado de si: Transexualidades, interação e cuidado em saúde*. Rio de Janeiro: Editora da FIOCRUZ, 2016.

BRAZ, Camilo. “Eu Já Tenho um Nome”: itinerários de homens trans em busca de respeito. *Revista Habitus*, 16 (1): 162-176, 2018.

BRAZ, Camilo; SOUZA, Érica. “Transmasculinidades, transformações corporais e saúde: Algumas reflexões antropológicas”. In: CAETANO, M.; MELGAÇO, P. (orgs.). *De guri a cabra macho: masculinidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero – feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHO, Mário. *Que mulher é essa? Identidade, política e saúde no movimento de travestis e transexuais*. Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2011.

CARVALHO, Mário. “Muito prazer, eu existo!”: *Visibilidade e Reconhecimento no Ativismo de Pessoas Trans no Brasil*. Tese de Doutorado em Saúde Coletiva, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2015.

CARVALHO, Mário. “Travesti”, “mulher transexual”, “homem trans” e “não binário”: interseccionalidades de classe e geração na produção de identidades políticas. *Cadernos Pagu*, 52: 1-35, 2018.

COLLING, Leandro; SANT’ANNA, Tiago. “Um breve olhar sobre a transexualidade na mídia”. In: COELHO, M. T. A. D.; SAMPAIO, L. P. L. (orgs.). *Transexualidades: um olhar multidisciplinar*. Salvador: EDUFBA, 2014.

DUQUE, Tiago. O segredo de Lourival: reflexões sobre a verdade do sexo na era digital. In: *Anais do 8 Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação / 5 Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação*. Canoas: PPGEDU, 01-13, 2019.

GREGORI, Maria Filomena. *Prazeres Perigosos: erotismo, gênero e limites da sexualidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FOUCAULT, Michel. *A História da Sexualidade, vol. 1 - A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

FOUCAULT, Michel. *Herculine Barbin: O diário de uma hermafrodita*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982.

HALBERSTAM, Jack. *In a Queer Time and Place – transgender bodies, subcultural lives*. Nova Iorque: New York University Press, 2005.

IGLESIAS, Isabela Daruska. *Homens trans e transformações corporais: interpretação antropológica sobre a busca pela “mamoplastia masculinizadora” em Goiânia*. Trabalho Final de Curso em Ciências Sociais. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Brasil, 2018.

JESÚS, Bento Manoel. *Campanha pela despatologização da transexualidade no Brasil: seus discursos e suas dinâmicas*. Dissertação de Mestrado em Sociologia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Brasil, 2012.

LIMA, Fátima. *Corpos, Gêneros, Sexualidades: políticas de subjetivação* (2 ed.). Porto Alegre: Reunida, 2014.

LIONÇO, Tatiana. *Um olhar sobre a transexualidade a partir da perspectiva da tensionalidade somato-psíquica*. Tese de Doutorado em Psicologia, Universidade de Brasília, 2006.

LEITE JR., Jorge. *Nossos corpos também mudam – a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico*. São Paulo: Annablume, 2011.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. *Arte & Ensaios - revista do PPGAV/EBA/UFRJ*, 32: 123-151, 2016.

MOIRA, Amara. O cis pelo trans. *Estudos Feministas*, 25 (1): 365-373, 2017.

ORTNER, Sherry. Subjetividade e crítica cultural. *Horizontes Antropológicos*, 13 (28): 375-405, 2007.

NERY, João W.; COELHO, Maria Thereza Ávila D.; SAMPAIO, Liliana Lopes P. João W. Nery - A trajetória de um trans homem no Brasil: do escritor ao ativista. *Revista Periódicus*, 1(4): 169-178, 2016.

ORTNER, Sherry. Teoria na antropologia desde os anos 60. *Mana*, 17 (2): 419-466, 2011.

PODESTÀ, Lucas. *Os usos do conceito de transfobia e as abordagens das formas específicas de violência contra pessoas trans por organizações do movimento trans no Brasil*. Dissertação de Mestrado em Sociologia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

SILVA, Amanda S. A; BRAZ, Camilo. *Transmasculinidades na mídia brasileira – uma análise antropológica*. Relatório de Iniciação Científica PIBIC, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

TEIXEIRA, Flávia. *Vidas que desafiam corpos e sonhos: Uma etnografia do construir-se outro no gênero e na sexualidade*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, 2009.

TEIXEIRA, Flávia. Histórias que não têm Era Uma Vez: As (in)certezas da transexualidade. *Estudos Feministas*, 20 (2): 501-512, 2012.

TENÓRIO, Leonardo F. P.; PRADO, Marco Aurélio M. “Os impactos e contradições da patologização das transidentidades e argumentos para a mudança de paradigma”. In: VAL, Alexandre Costa; DIAS, Fernando Machado Vilhena; GOMES, Gabriela de Lima (orgs.). *Multiplicando os gêneros nas práticas em Saúde*. Ouro Preto: Editora UFOP. pp. 130-148, 2016.

VIANNA, Adriana. “Violência, Estado e Gênero: considerações sobre corpos e corpus entrecruzados”. In: LIMA A. C. S.; GARCÍA-ACOSTA, V. (orgs.). *Margens da violência: subsídios ao estudo do problema da violência nos contextos mexicano e brasileiro*. Brasília: ABA, 2014.

VIANNA, Adriana; FACUNDO, Ângela. Tempos e deslocamentos na busca por justiça entre “moradores de favelas” e “refugiados”. *Ciência e Cultura*, 67 (2): 46-50, 2015.